

I

A tradição popular em Portugal, nos assuntos de história pátria, não se remonta além do período da dominação árabe nas Espanhas.

Pouco ou nada sabe o povo de celtiberos, de romanos e de visigodos. É, porém, entre ele noção corrente que, em outros tempos, fora este país habitado por mouros, e que só à força de cutiladas e de botes de lança os expulsaram os cristãos para as terras da Mourama. Os vultos heróicos de reis e cavaleiros nossos, que se assinalaram nas lutas dessa época, ainda não desapareceram das crônicas orais, onde vivem iluminados por a mesma poética luz das xácaras e dos romances nacionais; e hoje ainda, nas danças e jogos que se celebram nos lugares públicos das vilas e aldeias, por ocasião das principais solenidades do ano, apraz-se a memória do povo de recordar os feitos daqueles tempos históricos por meio de simulados combates de mouros e cristãos.

Nos contos narrados em volta da lareira, onde nas longas noites de serão se reúne a família rústica, ou às rápidas horas de uma noite de Estio, na soleira da porta, ao auditório atento que segue com os olhos a Lua em silenciosa carreira por um céu sem estrelas, avulta uma criação extremamente simpática, a das mouras encantadas, princesas formosíssimas que ficaram desses remotos tempos na península, em paços invisíveis, à espera de quem lhes vinha quebrar o cativeiro, soltando a palavra mágica.

Fala-se em diversos pontos das nossas províncias, com a seriedade que é própria a uma arreigada crença, de tesouros enterrados, que os mouros por aí deixaram, na esperança de voltarem um dia a resgatá-los, e já não têm sido poucas as escavações empreendidas no ávido intuito de os descobrir.

Esta mesma noção histórica do povo é a que dá lugar a um outro frequente facto. Quando, no centro de qualquer aldeia, se eleva um palácio, um solar de família, distinto dos edifícios comuns por uma qualquer particularidade arquitectónica mais saliente, ouvireis no sítio designá-lo por o nome de Casa Mourisca, e, se não se guarda aí memória da sua fundação, a crónica lhe assinará infalivelmente, como data, a lendária e misteriosa época dos mouros.

Era o que sucedia com o solar dos senhores Negrões de Vilar de Corvos, que, em três léguas em redondo, eram por isso conhecidos pelo nome dos Fidalgos da Casa Mourisca.

Não se persuada o leitor de que possuía aquele solar feição pronunciadamente árabe, que justificasse a denominação popular, ou que mãos agarenas houvessem de feito cimentado os alicerces da casa nobre denominada assim. Às pequenas torres quadradas, que se erguiam, coroadas de ameias, nos quatro ângulos do edifício, ao desenho ogival das portas e janelas, às estreitas seteiras abertas nos muros, e finalmente a certo ar de castelo feudal, que um dos antepassados desta fidalga família tentou dar aos paços de sua residência senhoril, devera ela a classificação de Mourisca, que persistira, apesar dos protestos da arte. Nenhum estilo arquitectónico fora na construção escrupulosamente respeitado; o gosto e capricho do proprietário presidiram mais que tudo à traça e execução da obra; não há pois exigências artísticas que me imponham a obrigação de descrevê-la miudamente.

Diga-se porém a verdade; fossem quais fossem os defeitos de arquitectura, as incongruências e absurdos daquela fábrica grandiosa, quem, ao dobrar a última curva da estrada irregular por onde se vinha à aldeia, via surgir de repente do seio de um arvoredado secular aquele vulto escuro e sombrio, contrastando com os brancos e risinhos casais disseminados por entre a verdura das colinas próximas, mal podia reter uma exclamação de surpresa, e involuntariamente parava a contemplá-lo.

Ou o Sol no poente lhe dourasse a fachada de granito, ou as ameias, que o coroavam, se desenhassem como negra dentadura no céu azul, alumiado pela claridade matinal, era sempre melancólico e triste o aspecto daquela residência, sempre majestoso e severo.

Reparando mais atentamente, outros motivos concorriam ainda para fortalecer esta primeira impressão. O tempo não se limitara a colorir o velho solar com as tintas negras da sua palheta; derrocara-lhe aqui e além uma ameia ou um balaústre do eirado, mutilara-lhe a cruz da ca-

pela, desconjuntara-lhe a cantaria em extensos lanços de muro, abrindo-lhe interstícios, donde irrompia uma inútil vegetação parasita: e esta permanência de estragos, traíndo a incúria ou a insuficiência de meios do proprietário actual, iniciava no espírito do observador uma série de melancólicas reflexões.

E se o movesse a curiosidade a indagar na vizinhança informações sobre a família que ali habitava, obtê-las-ia próprias a corroborar-lhe os seus primeiros e espontâneos juízos.

Os chamados Fidalgos da Casa Mourisca eram actualmente três. D. Luís, o pai, velho sexagenário, grave, severo e taciturno; Jorge e Maurício, os seus dois filhos, robustos e esbeltos rapazes: o mais velho dos quais, Jorge, ainda não completara vinte e três anos.

A história daquela casa era a história sabida dos ricos fidalgos da província, que orgulhosos e imprevidentes, deixaram, a pouco e pouco, embaraçar as propriedades com hipotecas e contratos ruinosos, desfalecer a cultura nos campos, empobrecer os celeiros, despovoar os currais, exaurir a seiva da terra, transformar longas várzeas em charnecas, e desmoronarem-se as paredes das residências e das granjas e os muros de circunscrição das quintas.

Filho segundo de uma das mais nobres famílias da província, D. Luís fora pelos pais destinado para a carreira diplomática, na qual entrou apadrinhado e favorecido por os mais altos personagens da corte.

Nas primeiras capitais da Europa, em cujas embaixadas serviu, obteve o fidalgo provinciano um grau de ilustração e de trato do mundo, um verniz social, que nunca adquiriria se, como tantos, de moço se criasse para morgado.

Quando, por morte do primogénito, veio a suceder nos vínculos, D. Luís podia considerar-se, graças à ocupação dos seus primeiros anos de mocidade, como o mais instruído e civilizado proprietário da sua província; e como tal efectivamente foi sempre havido pelos outros, que o tratavam com uma deferência excepcional.

Ainda depois da morte do irmão, D. Luís, costumado ao viver da grande sociedade e à esplêndida elegância das cortes estrangeiras, não abandonou a carreira que encetara. Secretário de embaixada em Viena, casou ali com a filha de um fidalgo português que então residia nessa corte, encarregado de negócios políticos.

Ao manifestarem-se em Portugal os primeiros sintomas da profunda revolução que devia alterar a face social do país, D. Luís mostrou-se

logo hostil ao movimento nascente, e abandonando então o seu lugar diplomático, voltou ao reino para representar um papel importante nas cenas políticas dessa época.

Aí tiveram origem grande parte dos desgostos domésticos que lhe amarguraram o resto da vida.

Os parentes de sua esposa abraçaram a causa liberal.

D. Luís, com toda a intolerância partidária, rompeu completamente as relações com eles, ferindo assim no íntimo os afectos mais santos da pobre senhora, que sentia esmagar-se-lhe o coração entre as fortes e irreconciliáveis paixões dos que ela com igual affecto amava.

O rancor faccioso foi ainda mais longe em D. Luís. Impeliu-o à perseguição.

O irmão mais novo da esposa, obedecendo ao entusiasmo de rapaz e à veemência de uma convicção sincera, sustentara com a pena, e mais tarde com a espada, a causa da ideia nova, que tanto namorava os ânimos generosos e juvenis.

Sobre a bela e arrojada cabeça daquele adolescente pesaram as sombras das suspeitas e das vinganças políticas; e D. Luís, cego pela paixão, não duvidou em fazer-se instrumento delas.

Este era o irmão querido da esposa, que o fidalgo estremecia; mas nem as súplicas, nem as lágrimas dela puderam abrandar a força daquele rancor.

O imprudente moço viu-se perseguido, preso, processado, e em quase iminente risco de espiar, como tantos, no suplício o crime de pensar livremente. Conseguindo, quase por milagre, escapar à fúria dos seus perseguidores, emigrou para voltar mais tarde nessa memoranda expedição que principiou em Portugal a heróica ilhada da nossa emancipação política.

Guerreiro tão fogoso como o fora publicista, o pobre rapaz não assistiu porém à vitória da sua causa. Ao raiar da aurora liberal, por que tanto anelava, caiu em uma das últimas e mais disputadas refregas daquela sanguinolenta luta, crivado de balas inimigas, sendo a sua última voz um grito de entusiasmo pela grande ideia, em cujo martirólogo se ia inscrever o seu nome.

A morte deste entusiasta levou o luto e a tristeza ao solar de D. Luís. O coração amorável e extremoso da infeliz senhora recebeu então um golpe decisivo; das consequências daquela dor nunca mais podia ela convalescer. A sua vida foi depois toda para luto e para lágrimas.

Fez-se a paz, implantou-se no país a árvore da liberdade; D. Luís deixou então a vida da corte e veio encerrar no canto da província os seus despeitos, os seus ódios e os seus desalentos. Trouxe consigo um enxame de misantropos, a quem o sol da liberdade igualmente incomodava, e que tinham resolvido pedir à natureza conforto contra os supostos delitos da humanidade.

O solar do fidalgo transformou-se pois em asilo de muitos correli-gionários, como ele desgostosos e irreconciliáveis com a nova organi-zação social.

Instituiu-se ali uma pequena corte na aldeia, uma espécie de assem-bleia ou conventículo político, que não poucas vezes atraiu as vistas dos liberais desconfiados e as ameaças dos mais insofridos. Havia ali homens de todas as condições, e alguns de ilustração e ciência.

A hospitalidade do fidalgo era magnífica. D. Luís mostrava ignorar, ou não querer saber, qual o preço por que ela lhe ficava. Indiferente a tudo, dir-se-ia sê-lo também à ruína da sua própria casa, que apressava assim.

A vitória da causa contrária; a morte, em curtos intervalos, de três filhos, que parecia caírem vítimas de uma sentença fatal; o receio pela vida dos outros; a tristeza e doença progressivas da esposa, a quem aqueles ódios e lutas tinham despedaçado o coração; às vezes uma vaga consciência da sua situação precária, e porventura ainda remorsos pelas violências a que os ódios políticos o impeliram, quebranta-ram o carácter, outrora varonil, daquele homem, que desde então co-meçou a mostrar-se taciturno e descoroçoado. A prova evidente de que alguns remorsos também lhe torturavam o espírito fora a insólita ge-nerosidade com que recebeu e gasalhou permanentemente em sua casa um pobre soldado do exército liberal, meio mutilado pela guerra des-ses tempos, e que tinha sido o fiel camarada do infeliz mancebo, contra quem tanto se encarniçara o ódio do implacável realista.

Viera o soldado entregar à esposa do fidalgo uma medalha, última lembrança do irmão, que lha enviara quando já agonizante no campo do combate. Havia-a confiado ao camarada para que a entregasse àquela a quem tanto queria.

D. Luís não só permitiu que o soldado fizesse a entrega em mão própria da esposa, mas deixou-o com ela em larga conferência, não querendo que a sua presença a reprimisse na ânsia natural de saber as menores particularidades da vida e da morte do infeliz, de quem o emissário fora companheiro inseparável. Não se limitou a isso a tole-

rância do fidalgo. Viu, sem fazer a menor reflexão, que o mensageiro se demorava alguns dias na Casa Mourisca, e não opôs resistência alguma ao pedido que a esposa mais tarde lhe fez para que o deixasse ficar ali, no lugar do hortelão que falecera.

Este facto insignificante foi de não pequena influência nos destinos daquela família.

Os filhos de D. Luís, criados no meio dessa corte de província, cresciam sob influências que actuavam de uma maneira contraditória sobre os seus caracteres infantis.

Não lhes faltavam mestres que os instruissem, que muitos eram os habilitados para isso nas salas do fidalgo, refúgio de tantos ilustres descontentes. Graças a estas especiais condições, puderam os dois rapazes receber uma educação difícil de conseguir em um canto tão retirado da província como aquele era.

Mas, ao lado da lição dos mestres, que, juntamente com a ciência, se esforçavam por imbuir-lhes os seus princípios políticos, aos quais se atinham como a artigos de fé, havia uma outra lição mais obscura, mas porventura mais eficaz. Era a lição da mãe e a do veterano.

A esposa de D. Luís era uma senhora de esmeradíssima educação e de um profundo bom senso. Amava o marido, mas via com pesar os excessos a que o impeliam as suas opiniões políticas. Educada no seio de uma família liberal, possuía sentimentos favoráveis às ideias novas; mas sabia guardá-los no coração, para não despertar conflitos na família.

Porém, no trato entre mãe e filhos, traía-se muita vez essa prudente discrição, e as fidalgas crianças iam recebendo a doutrina de que os outros lhes blasfemavam como de heresia e, naturalmente, seduzidas pela origem donde ela lhes vinha, abriam-lhe de melhor vontade o coração do que aos preceitos austeros e um pouco pedantescos dos mestres.

Demais, ouviam tantas vezes a mãe falar-lhes do irmão que perdera, dos seus sentimentos generosos, do seu nobre carácter e da sua dedicação heróica a bem da causa liberal, que eles, e o mais velho sobretudo, costumaram-se a venerar a memória do tio como a de um mártir e a vê-lo aureolado de um verdadeiro prestígio lendário.

Para isto, porém, concorreu mais que outrem o hortelão.

O velho soldado era uma crónica viva das batalhas e façanhas daqueles tempos históricos e um panegirista ardente do seu pobre oficial, cujo último suspiro recolhera.

As crianças sentiam-se instintivamente atraídas para a companhia do velho, em cujas narrações pitorescas e vivamente coloridas acha-

vam um encanto irresistível. Feria-lhes fundo a curiosidade, a maneira por que ele falava dos trabalhos da emigração, dos episódios do cerco do Porto, da fome, da peste e da guerra, tríplice calamidade que conhecera de perto, das batalhas em que havia entrado, da bravura do seu amo, e finalmente do Imperador, por quem o mutilado veterano professava um entusiasmo quase supersticioso, e a cujo vulto a sua narrativa imaginosa dava um aspecto épico e sobrenatural.

As crianças não se fartavam de interrogar aquela testemunha presencial de tantos feitos heróicos.

E assim eram neutralizadas as doutrinas dos pedagogos eruditos, encarregados da educação dos filhos de D. Luís, e estes iam crescendo afeiçoados aos princípios liberais, que amavam de instinto, antes de os amarem de reflexão.

Mas dias de maior provação estavam reservados para esta família.

A munificência que o senhor da Casa Mourisca mantivera no voluntário desterro, a que se condenou, obrigara-o a enormes e perigosos sacrifícios.

D. Luís nunca propriamente se ocupara da gerência dos seus bens. Fiel aos hábitos aristocráticos dos seus maiores, deixara desde muito a procuradores todos os cuidados de administração, e de quando em quando recebia deles a notícia de que a sua casa se estava perdendo, sem que se lembrasse de perguntar a si próprio se não seria possível opor um obstáculo àquela ruína.

O padre Januário, ou frei Januário dos Anjos, velho egresso, homem de letras gordas, que se estabelecera comodamente naquela acastelada residência, como em sua casa, era um desses procuradores.

Faça-se justiça ao padre, que não era de má-fé, nem em proveito próprio, que ele apressava, com mão poderosa, a decadência de D. Luís. Mas, homem de curtas faculdades e de nenhum expediente financeiro, se obtinha capitais para o seu constituinte, nas crises mais apertadas, era sempre sob condições de tal natureza que deixava de cada vez mais onerada a propriedade e mais irremediável o triste futuro dela. Sucedeu pois o que era de esperar. Dispersou-se a corte de D. Luís. Por muito que fizessem os administradores da casa para a manter no costumado esplendor, cedo principiaram a transparecer os sinais da declinação. Foi o aviso para a debandada. Uns, porque delicadamente compreenderam que a sua permanência concorreria para aumentar as dificuldades com que o fidalgo já lutava; outros, porque aspiravam melhores auras, longe dali, em solares menos estremecidos pelo vai-

vém da adversidade; é certo que todos se foram retirando a um por um, e deixaram a família só.

Aumentou com este isolamento a taciturnidade do fidalgo.

Depois veio a doença e a morte da esposa, daquela que lhe tinha sido tão fiel amiga, que, para lhe poupar desgostos, até escondia as lágrimas que ele lhe fazia verter; veio essa nova dor atribular-lhe ainda mais a existência. E ainda não haviam acabado as provações! No fundo do cálice estavam ainda depositadas as gotas mais amargas.

D. Luís tinha por esses tempos uma filha, mimoso legado da esposa, cuja missão consoladora continuava no mundo. Queria-lhe muito o pai! Se não havia de querer! O coração árido daquele velho e o tenro coração daquela criança procuravam-se, como para um pelo outro se completarem.

O velho fidalgo, concentrado e quase ríspido para com os outros filhos, se alguma vez teve nos lábios sorrisos desanuviados e sinceros, foi na presença da sua Beatriz. Aquele desgraçado coração, vazio de afectos, queimado de ódios e de paixões esterilizadoras, sentia um grato refrigério em deixar-se penetrar do suave influxo das carícias da criança, que beijava as faces rugosas do pai e lhe brincava com os cabelos prateados; e muitas vezes, nesses momentos, lágrimas de desafogo dissipavam a cerração que ia na alma daquele homem, que com tanta força sabia odiar.

E não era só o pai que experimentava essa influência.

Jorge, que de pequeno fora pensativo e sério, sentia-se tomar por a bondade e ternura de Beatriz. Criança ainda, tinha ela, quando a sós com o irmão, um olhar penetrante e um gesto grave como o dele, um espírito para comunicar à vontade com o seu. Ela parecia compreender o alcance do auxílio que poderia receber um dia daquele rapaz sisudo, que a fitava, e ele sentia-se engrandecer aos próprios olhos, lembrando-se de que seria sua missão na vida proteger aquele anjo.

Maurício, génio mais impetuoso e impaciente, dobrava também a vontade a um aceno da frágil e delicada criança, em quem um estouvamento seu desafiava lágrimas. E estas lágrimas eram a única representação que o continha nos desvarios.

Pois até nesta filha feriu o Senhor o pobre ancião.

Criança mimosa, colheu-a um sopro da morte, ainda com o sorriso nos lábios, e prostrou-a exânime no túmulo.

Fez-se então deveras escuro no espírito do pai.